

ELEGIA A LUIZ CLAUDIO MARIGO

(texto lido na reunião do Clube de Observadores de Aves – RJ, em 13 de agosto de 2014)

Madrugada de 3 de junho de 2014. Recebo um e-mail me comunicando a morte de Luiz Claudio. Abro o jornal online e encontro a manchete: **Homem que morreu em frente a hospital era fotógrafo renomado**. Não li mais nada, não me importavam os detalhes. Só pensei: se eu pudesse, escolheria que Luiz Claudio tivesse sido um anônimo na multidão, cujo nome só os mais próximos conhecessem, e que ele ficasse entre nós por mais 30 anos pelo menos. E chorei até o dia clarear.

Mas tenho que ser justo, afastar a revolta inicial com as coisas que são como são, e reconhecer: foi a fotografia, que o fez renomado, que também fez nossos caminhos se cruzarem. Isso foi há mais de 30 anos, por causa do calendário da Souza Cruz de 1983, com o tema “pássaros canoros”. E foi a fotografia que fez os caminhos do Luiz Claudio e da Cecília se cruzarem, por causa de uma câmera fotográfica que ela trouxe para ele de Manaus. Isso ele me contou no ano seguinte, quando fomos à Serra de Carajás para um serviço que lhe encomendaram. Daquela viagem guardo para sempre comigo a lembrança de acontecimentos que me mostraram, de primeira, que Luiz Claudio não era uma pessoa comum. Não era apenas um fotógrafo de natureza que tinha me chamado para ajudá-lo a fotografar aves. E, por causa disso, ou apesar disso, nos tornamos amigos.

Já contei muitas vezes para alunos, para outros amigos, acho que para ele mesmo – como se ele fosse apenas um personagem distante do qual ele mesmo achava graça –, essas historinhas vividas com Luiz Claudio em Carajás. E conto uma delas aqui mais uma vez:

Naquela época, o projeto de exploração de minérios em Carajás estava apenas começando. Ainda não havia trilhos para escoar a produção até o porto de São Luís, nem mesmo uma cidade propriamente dita na serra. Ficamos cerca de três semanas no acampamento da Serra Norte, hospedados no hotel Luxor, na verdade o único local que havia para hospedar funcionários graduados em trânsito e prestadores de serviço como nós. O hotel, com um único pavimento em construção pré-fabricada de madeira, era simples, mas confortável. Tinha até um restaurante, com “maître” e serviço “à la carte”. Ali almoçamos e jantamos diariamente, a cada refeição escolhendo um prato diferente, ora carne, ora peixe, massa etc. Porém, aproximando-se o final de nossa estadia, foi ficando difícil variar e começamos a repetir pratos que havíamos pedido no início. Uma noite, passeávamos os olhos mais uma vez pelo cardápio enquanto o garçom, paciente, esperava. Éramos os únicos hóspedes naquela noite – e raramente houve outros durante aquelas semanas, nenhum cuja missão o obrigasse a ficar por ali mais do que alguns dias. A certa altura, Luiz Claudio dirigiu-se ao garçom e desabafou: “Nós estamos aqui há quase 20 dias e já comemos de tudo mais de uma vez. Não seria possível pedir algo fora do cardápio, pra variar?” O garçom concordou e, quando ia dar uma sugestão, Luiz Claudio notou que havia um homem próximo à porta da cozinha, com um chapéu de mestre-cuca. Perguntou: “Aquele ali é o cozinheiro? Qual é o nome dele?” “Sim, é José” – disse o garçom. Luiz Claudio acenou para o cozinheiro, chamando-o pelo nome e pedindo que viesse até nossa mesa. Repetiu o que tinha falado para o garçom e pediu-lhe uma sugestão. “Que tal... um macarrão com ovos?” – disse José, com uma entonação de quem estava oferecendo ao cliente um prato dos mais apreciados

por ele próprio. Luiz Claudio imediatamente rebateu: “Não... Dá pra fazer um estrogonofe? Você tem os ingredientes necessários?” Para nossa grande satisfação, José disse que sim e voltou para a cozinha, após ouvir um pedido adicional de Luiz Claudio: “Capricha, hein!” Passou-se muito tempo. Finalmente o garçom voltou à mesa, apresentando-nos, orgulhoso, o elaborado prato. Luiz Claudio olhou, fazendo-me tremer quando nem tentou disfarçar seu ar de decepção com o resultado do esforço de José. E, dirigindo-se ao garçom, disse: “Hm... volta lá e pede pra ele caprichar mais nesse molho, colocar mais creme de leite, deixar apurar mais um pouco...” E o garçom voltou. A noite avançava e eu temia pelo pouco tempo que nos restaria para dormir, tendo que acordar de madrugada, na rotina diária em busca de fotos da passarada e de belas luzes na paisagem. Mais uma vez o garçom trouxe o desejado estrogonofe e uma vez mais Luiz Claudio pediu para que retornasse à cozinha, com novas recomendações. Dessa vez quase argumentei com meu exigente comensal, mas o que pensei que ainda podia restar ao cozinheiro fazer não dava para dizer ali na frente do garçom. Agora, ocorre-me que podia ter falado que já estava bom, que já estava tarde e teríamos que acordar cedo, qualquer outra coisa, mas na hora não falei nada e, perplexo, vi o garçom se afastando de novo em direção à cozinha. Daí em diante não me lembro de muita coisa, apenas que em dado momento Luiz Claudio, ainda que meio a contragosto, finalmente aceitou o estrogonofe. E que adormeci sonhando com um prato de macarrão com ovos...

Por causa dessas e de outras atitudes semelhantes, alguns o consideravam chato ou impertinente. Foi o que me disse o professor Sick, no dia seguinte a uma palestra do Almirante Ibsen Câmara sobre conservação da natureza, à qual eu não tinha ido assistir. Sick me contou, indignado, que o Almirante estava fazendo, como sempre, uma ótima palestra, quando Luiz Claudio Marigo o interrompeu da plateia, com seu vozeirão, para dar a opinião dele. Quando encontrei Luiz Claudio, perguntei a ele o que tinha acontecido, e o que ele tinha falado. E ele me disse que tinha mesmo interrompido o palestrante, dizendo: “Almirante, posso fazer uma crítica numa boa? Eu já estou cansado de ouvir essa história de que a responsável pela destruição da natureza é a ganância humana e outras coisas assim, vagas demais. Precisamos começar a dar nome aos bois, identificar e atacar diretamente os problemas: quem são as empresas que estão comprando terras para desmatar na Amazônia? Quem desmatou a mata Atlântica? Quem ou quais órgãos do governo estão apoiando isso ou se omitindo? Sinto que estou perdendo meu tempo ao vir assistir de novo a uma palestra em que são faladas sempre as mesmas coisas!”

No ano seguinte, em 1984, fui convidado para dar uma palestra no I Encontro Nacional de Anilhadores de Aves, na Universidade Federal de Viçosa, sobre conservação da avifauna. Aceitei, mas na hora de preparar a palestra não conseguia fazer nada, porque as coisas que o Luiz Claudio tinha falado, interrompendo a palestra do Almirante, não saíam da minha cabeça. No final, auditório cheio em horário nobre, às 8 da noite, fui chamado ao palco para dar minha palestra, e o que falei, por cerca de uns 10 minutos apenas, foi um chamamento a um debate sobre o porquê de nunca falarmos, em palestras como aquela, nas coisas realmente relevantes que estão ligadas à conservação (ou à destruição) da Natureza. Minha intenção, assumindo a causa rebelde do Luiz Claudio e adicionando algo do teatro de Bertolt Brecht, foi incomodar a plateia que ali estava apenas para ver uma bonita projeção de slides mostrando aves ameaçadas

de extinção etc. Ao menos ninguém pôde dizer que eu tinha sido impertinente por ter interrompido a palestra de alguém: eu era o palestrante e eu mesmo não fiz palestra alguma! Nem o professor Sick, que também estava presente, falou nada. Mas Sick ouviu da representante da FINEP, que financiava o encontro: “O senhor tem um aluno brilhante!” Ela estava enganada: era a luz do Luiz Claudio que tinha me iluminado, e que brilhava em mim.

O chato, ranzinza, impertinente Luiz Claudio foi, para quem se aproximou dele, um amigo sempre atento, disponível, generoso. Amigo homem que escrevia cartas para amigos homens chamando-os de “querido”, numa época em que ninguém fazia isso: só se usava “prezado” ou “caro”. Ele era amizade, amor, verdade em estado puro: sem gênero nem qualquer outra forma predefinida de se expressar.

Com seu olhos de fotógrafo, sua mente aberta e seu coração simplesmente humano, humanamente simples, Luiz Claudio era interessado por tudo e por todos, curioso, o tempo todo. E ávido por compartilhar suas experiências, suas leituras, suas crenças, suas opiniões, suas receitas infalíveis para qualquer coisa. Ávido por participar da construção de um mundo melhor, mais feliz.

Um “fotógrafo renomado”. Claro, agora eu vejo que esse era o título que mais se adequava para tirá-lo do anonimato em uma manchete de jornal. Talvez fosse mesmo o único que um jornalista pudesse usar para isso. Mas é claro, também, que Luiz Claudio não cabia em nenhum rótulo que alguém pudesse lhe dar. Mesmo sem carregar rótulos, ele não passava despercebido onde quer que estivesse. Entrou naquele ônibus, brincou com outros passageiros, e ali deixou seu corpo inerte. Seu último gesto em vida, no último lugar onde estive, diante das últimas pessoas a quem pôde dizer ou mostrar alguma coisa, foi o não convencional, o não esperado, o que incomoda, o que pode incomodar, o que é feito para incomodar mesmo, o que pode acrescentar algo novo à mesmice de tudo. O que pode mudar algo, por pequeno que seja. Luiz Claudio questionava tudo, sempre. E sempre nos fazia questionar tudo, quase nos forçava a isso. E assim fez, sempre coerente em sua eterna incoerência, em sua humana incoerência, até o fim. Malandro, ele. Foi embora da festa sem avisar, sem se despedir de ninguém, porque sabia que tinha gente demais para se despedir, gente demais que o amava e que não ia querer deixá-lo ir... Ou talvez simplesmente porque ele achasse um saco ter que dar satisfação das suas decisões e ter que se despedir de todo mundo antes de partir.

No dia seguinte ao enterro, que amanheceu bem frio, olhei para a mata da Tijuca e vi que ela estava coberta de névoa, linda em sua misteriosa luz enevoadada. Mais uma vez me lembrei com saudade do Luiz Claudio, por tantas coisas boas que ele me ensinou a ver com outros olhos. Por tantas coisas que ele me mostrou pela primeira vez. Por tantas coisas que ele me fazia repensar, questionar sempre. Lembrei-me dele com saudade, não com tristeza. Não pode ficar triste quem teve a sorte de conhecer, e leva dentro de si por toda a vida, uma pessoa tão bela como ele, que levava dentro dele toda a beleza de uma vida plenamente vivida.

Luiz Antonio P. Gonzaga

(grato a Bruno Fiuza pela revisão do texto)